

Quadrinhosofia: uma proposta metodológica para a classificação conceitual das histórias em quadrinhos quanto à sua abordagem filosófica.⁸⁶

Comicsophy: a methodological proposal for the conceptual classification of stories in comic as to their philosophical approach.

Tebeosofia: una propuesta metodológica para la clasificación conceptual de historias en cómic en cuanto a su enfoque filosófico.

Edgar Indalecio Smaniotto⁸⁷

⁸⁶ Recebido em 22/11/19, versão aprovada em 22/02/2020.

⁸⁷ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Marília (2012). Membro da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial – ASPAS, do Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS, da Associação Brasileira de Antropologia – ABA, e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC. LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/8264700030420015>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3212-1523>. E-mail: edgarsmaniotto@gmail.com.

RESUMO

Tomando por referência a base conceitual criada pelo filósofo Matthew Lipman (1922-2010), que desenvolveu uma tipologia de textos filosófico-literários, desenvolvemos uma classificação conceitual de histórias em quadrinhos em distintas categorias, de acordo com sua proposta filosófica. A partir das quatro divisões conceituais, inicialmente propostas por Lipman, adaptamos as três primeiras ao cenário específico das HQs, suprimindo a quarta, por considerá-la inadequada para nossa proposta. Desenvolvemos então outras três categorias, possibilitando, assim, seis categorias conceituais para a classificação das histórias em quadrinhos quanto à sua abordagem filosófica: 1. Histórias em quadrinhos de filosofações; 2. Histórias em quadrinhos a partir de um ponto de vista filosófico específico; 3. Histórias em quadrinhos com perspectiva filosófica específica; 4. Comentário filosófico (análise de autor/sistema) em histórias em quadrinhos; 5. História da Filosofia em quadrinhos; e 6. Filosofia em quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em Quadrinhos. Representação Temática – Histórias em Quadrinhos. Filosofia – Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

Taking as a reference the conceptual basis created by the philosopher Matthew Lipman (1922-2010), who developed a typology of philosophical-literary texts, we developed a conceptual classification of comics in different categories, according to his philosophical proposal. Based on the four conceptual divisions, initially proposed by Lipman, we adapted the first three to the specific scenario, suppressing the fourth, as it was considered inappropriate for our proposal. We then developed three other categories, thus enabling six conceptual categories for classifying comic books in terms of their philosophical approach: 1. Philosophical comics; 2. Comics from a specific philosophical point of view; 3. Comics with a specific philosophical perspective; 4. Philosophical commentary (author / system analysis) in comics; 5. History of Philosophy in comics; and 6. Philosophy in comics.

KEYWORDS: Comics. Thematic Representation - Comics. Philosophy - Comics.

RESUMEN

Tomando como referencia la base conceptual creada por el filósofo Matthew Lipman (1922-2010), quien desarrolló una tipología de textos filosófico-literarios, desarrollamos una clasificación conceptual de las historietas en diferentes categorías, de acuerdo con su propuesta filosófica. Con base en las cuatro divisiones conceptuales, inicialmente propuestas por Lipman, adaptamos las tres primeras al escenario específico, suprimiendo la cuarta, ya que se consideró inapropiado para nuestra propuesta. Luego desarrollamos otras tres categorías, permitiendo así seis categorías conceptuales para clasificar las historietas en términos de su enfoque filosófico: 1. Historietas filosóficas; 2. Historietas desde un punto de vista filosófico específico; 3. Historietas con una perspectiva filosófica específica; 4. Comentario filosófico (autor / análisis del sistema) en historietas; 5. Historia de la filosofía en las historietas; y 6. Filosofía en historietas.

PALABRAS CLAVE: Historietas. Tebeos. Representación Temática - Historietas. Filosofía - Historietas.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho nasce da reflexão sobre a categorização filosófica de textos literários proposta pelo filósofo norte-americano Matthew Lipman⁸⁸ no sétimo capítulo do livro *Natasha: Diálogos Vygotskianos* (1997). Nesse texto, o autor, que é o criador de uma metodologia de ensino de filosofia para crianças por meio do uso de histórias filosóficas, faz uma aproximação entre sua própria teoria didático-filosófica e a psicologia da aprendizagem do psicólogo soviético Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934). A introdução do livro tem o sugestivo nome de “Conciliando a Teoria Russa com a Prática Norte-Americana”, que resume o propósito e intenção do autor.

Neste trabalho não discutiremos o propósito central do texto, o que já fizemos em outro momento (SMANIOTTO, 2011). No livro “*Natasha: Diálogos Vygotskianos*” (1997), Lipman, em determinado momento do diálogo, apresenta uma tipologia de textos filosófico-literários, uma classificação desses textos, sendo:

[...] Romances propriamente ditos que contem filosofações, como alguns dos romances de Mann e Tolstoy, ou romances escritos a partir de um ponto de vista filosófico específico, como os de Sartre, Camus e de Beauvoir.

O Pequeno Príncipe é uma obra magistral... Mas creio que cada um deles brota de uma perspectiva filosófica específica e destina-se a nos conquistar para que concordemos com essa perspectiva, ao invés de fazermos filosofia, nós mesmos...

Bem, alguns dos *romans à clef* me permitem ver as possibilidades de tratar as ideias do modo que eles tratavam as pessoas. Como por exemplo, os romances de Aldous Huxley... John Erskine... D.H. Lawrence (LIPMAN, 1997, p. 108-109, grifos nossos).

Os textos literários são classificados por seu conteúdo filosófico, em quatro distintas categorias: textos de filosofações, textos a partir de um ponto de vista filosófico específico, textos a partir de uma perspectiva filosófica específica e textos que tratam de ideias. Partindo dessa classificação proposta por Lipman quanto aos textos literários, desenvolvemos uma classificação conceitual de histórias em quadrinhos (HQ) quanto à sua abordagem filosófica.

⁸⁸ Foi professor de Filosofia e fundador do “Institute for the Advancement of Philosophy for Children”, da Montclair State College, em Nova Jersey. Lipman nasceu em 1924 e faleceu em 2010. Com um grupo de colaboradores, criou o programa de Filosofia para Crianças. Esse programa consiste na adaptação das ideias filosóficas básicas ao universo das crianças, por meio de livros de literatura ou novelas filosóficas e da formação de uma comunidade investigativa em sala de aula. Temos então um método de prática do filosofar assentado em novelas filosóficas e na tradição do diálogo (da oralidade).

Nosso trabalho deu-se inicialmente a partir das quatro divisões conceituais propostas por Lipman; adaptamos as três primeiras, de forma que pudessem ser utilizadas na classificação filosófica de histórias em quadrinhos. Foi necessário, entretanto, suprimir a quarta proposta de Lipman, romances de ideias, uma vez que suas características foram incorporadas à primeira categoria.

Desenvolvemos então outras três categorias, essas tendo por orientação classificar histórias em quadrinhos cujo conteúdo filosófico seja explícito, por serem quadrinhos que buscam adaptar textos clássicos da filosofia, comentar obras ou expor períodos históricos da filosofia (categorias quatro e cinco). Por fim, na categoria seis, nossa intenção é classificar obras cujo conteúdo seja em si filosófico, ou seja, em que a filosofia é desenvolvida não exclusivamente pela dissertação lógico-expositiva em textos, mas que podem ser originalmente escritos diretamente na forma de histórias em quadrinhos (assim como a filosofia já foi uma prática oral, escrita em diálogos, aforismos e outros suportes e gêneros textuais).

Nossa proposta compreende seis categorias conceituais para a classificação das histórias em quadrinhos quanto à sua abordagem filosófica: 1. Histórias em quadrinhos de filosofações; 2. Histórias em quadrinhos a partir de um ponto de vista filosófico específico; 3. Histórias em quadrinhos com perspectiva filosófica específica; 4. Comentário filosófico (análise de autor/sistema) em histórias em quadrinhos; 5. História da Filosofia em quadrinhos; e 6. Filosofia em quadrinhos.

O propósito dessa classificação das histórias em quadrinhos quanto à sua abordagem filosófica é ser fonte de orientação ao filósofo/professor em sua prática diária em sala de aula, tanto como docente no Ensino Médio quanto em universidades, no trabalho interdisciplinar com histórias em quadrinhos nas aulas de filosofia. As histórias em quadrinhos podem ser um excelente instrumento didático por possibilitar um contato ao mesmo tempo lúdico e rigoroso com o pensamento filosófico.

Por fim, procuramos também, principalmente com a inserção da sexta categoria, pensar a possibilidade de um fazer filosófico que vá além do filosofar a partir da dissertação lógico-expositiva, predominante em nosso ensino acadêmico. Afinal, pensamos ser possível filosofar de diversas formas e por diferentes suportes textuais, inclusive histórias em quadrinhos.

2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE FILOSOFAÇÕES

Em nossa proposta metodológica, esta primeira categoria compreende histórias em quadrinhos que apresentam filosofias de vida, perto do senso comum. São exemplos desse tipo de filosofia a defesa do modo de vida americano nos quadrinhos do Super-Homem, a filosofia pessoal do Homem-Aranha: “Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”; que evoca diretamente a ética do utilitarismo defendida por Jeremy Bentham e John Stuart Mill.

Nos quadrinhos do Capitão América, por sua vez, está presente a ideia do nacionalismo (Universo Ultimato) ou patriotismo (versão clássica do universo 616), como filosofias pessoais do super-herói. Principalmente no início da publicação do personagem Capitão América, seus quadrinhos evocavam o patriotismo com maior frequência, mas também o individualismo. Tais representações de super-heróis são caracterizadas pela forte representação do modo de vida norte-americano, que, logicamente, permeia sua produção cultural de massa.

Culturalmente individualistas, os americanos acreditam na doutrina de que ‘você depende somente de si mesmo para se tornar um vencedor’ e no maniqueísmo em relação com o resto do mundo, sendo eles os únicos a serem culturalmente corretos, monstrificando assim aqueles que não se enquadram nas suas especificações de certo. Este sentimento individualista está incrustado nas raízes bélicas norte-americanas. Sua cultura está enquadrada e estagnada no arquétipo do Guerreiro, tornando-se difícil uma evolução no autoconhecimento da nação (BANDEIRA, 2007, p. 23).

É essa filosofia do senso comum que é encarnada por diferentes super-heróis dos quadrinhos: Capitão América, Super-Homem, Batman, Capitão Marvel, entre tantos outros. De acordo com nossa classificação metodológica, essas seriam histórias de filosofações em que filosofias de vida e ideias do senso comum são dominantes, as quais poderiam ser objeto de reflexão em sala de aula, debatendo suas condicionantes e limitações éticas, políticas e filosóficas.

2.1 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS A PARTIR DE UM PONTO DE VISTA FILOSÓFICO ESPECÍFICO

Identificar um ponto de vista filosófico específico em uma história em quadrinhos é muitas vezes um trabalho realizado pelo filósofo/professor, pois esse pode passar despercebido, pelo menos conscientemente, por quem não lê quadrinhos com o olhar do profissional de filosofia.

Em outro trabalho (SMANIOTTO, 2018), por exemplo, apresentamos como a filosofia de Epicuro está presente nos filmes dos X-Men, e o mesmo argumento vale para as histórias em quadrinhos. O Instituto Xavier para Jovens Superdotados tem características similares à proposta da Escola do Jardim de Epicuro.

A filosofia do Bom Selvagem e a ideia do homem em Estado de Natureza, ideias associadas ao filósofo Jean Jacques Rousseau, podem ser encontradas em histórias de “Tarzan” e “Akim”. Os dois são heróis que vivem na selva e se dedicam a proteger a natureza e os povos autóctones ali presentes da exploração e extermínio por parte, em geral, dos ditos civilizados.

Já a filosofia de Thomas Hobbes, que podemos resumir no adágio “o homem é o lobo do homem”, pode ser encontrada nas histórias em quadrinhos de “Conan, o bárbaro”. A filosofia de Conan é bem expressa, de acordo com Patrice (2012), em uma passagem de “Rainha da Costa Negra”:

Neste mundo, os homens lutam e sofrem por nada; se encontram prazer, é apenas no fulgurante desatino da batalha. [...] Preciso viver intensamente enquanto posso. Quero experimentar os ricos sucos da carne vermelha e o vinho picante, o aperto quente de braços brancos como o marfim, a loucura do triunfo na batalha, quando as lâminas azuladas queimam e se tingem de vermelho. Isso basta para me alegrar. Que os mestres, os sacerdotes e os filósofos meditem sobre questões de realidade e ilusão! De uma coisa eu sei. Se a vida é ilusão, também sou uma: a ilusão é real para mim. Eu vivo, estou cheio de vida, eu amo, eu mato, eu sou feliz assim (PATRICE, 2012, p.21).

Este outro pequeno trecho do conto “A Torre do Elefante” sintetiza o papel hobbesiano do Estado nas histórias de Conan: “Os homens civilizados são mais mal-educados que os selvagens, porque sabem que podem ser grosseiros e não ter o crânio despedaçado” (PATRICE, 2012, p. 20). Fica patente o papel do Estado que, mediante um contrato social, contém a violência que seria inerente ao ser humano. O Estado, tomado como sinônimo de civilização aqui, é uma necessidade para a mudança nas relações de guerra constante entre os homens, mas nunca idealizado.

Para Robert E. Howard, o criador de Conan, a força de suas histórias estaria justamente no fato do leitor poder viver uma experiência de pré-constituição do Estado: “Então, um homem lendo [uma] história sobre Conan age como eles imaginam que agiriam em circunstâncias semelhantes” (PATRICE, 2012, p. 21).

Conan, em suas histórias literárias ou nos quadrinhos⁸⁹, em geral desdenha da civilização; se Hobbes via a formação do Estado como imprescindível para retirar o homem do

⁸⁹ A partir da leitura das histórias em quadrinhos publicadas na revista “A Espada Selvagem de Conan”, cujo número um foi a segunda história em quadrinho que este autor leu, podemos afirmar que as mesmas considerações feitas por Patrice Louinete sobre os textos literários valem também para as adaptações realizadas para as histórias em quadrinhos.

estado de “guerra de todos contra todos”, em Conan encontramos uma desconfiança para com esse Estado que cerceia a liberdade individual. Para Howard:

A civilização não é a fase final do desenvolvimento humano; pode ser uma ‘inevitável consequência’ desse desenvolvimento, mas trata-se de um estado transitório: as civilizações tendem a decair e a definhar, e eventualmente serem varridas por hordas conquistadoras de selvagens e bárbaros que, depois de algum tempo, se tornarão eles próprios civilizados (PATRICE, 2012, p. 21).

Essa condição de barbárie, para Howard, está longe da visão idílica de um nobre selvagem, como Tarzan e Akim. O criador de Conan afirma: “não tenho uma visão idílica do bárbaro – até onde pude aprender, trata-se de uma condição sombria, sangrenta, feroz e impiedosa (HOWARD apud PATRICE, 2012, p. 21). O bárbaro de Howard não é o bom-selvagem de Rousseau, ele é – antes da formação do Estado – um lobo, um lobo do próprio homem.

A mesma filosofia hobbesiana está presente nas histórias de “Mathai-Dor: A Noite dos Tempos e A Captura do Fogo”⁹⁰. Em um mundo pós-apocalíptico, em que uma terceira guerra mundial levou a uma hecatombe nuclear, os humanos retornam a um estado de desenvolvimento comparável ao do período neolítico, sem uma organização estatal, no qual a guerra e violência imperam. Sem o Estado, o homem torna-se novamente lobo do homem.

Nas histórias do Quarteto Fantástico, é possível fazer uma leitura filosófica do confronto entre Reed Richards, o Senhor Fantástico, e seu inimigo, o Dr. Destino, o primeiro é um cientista que acredita no poder da ciência para conhecer os mistérios do universo (dedicado à ciência pura) e na eficácia da tecnologia, defensor das relações democráticas e da liberdade. O segundo, um mago que se apropria da ciência apenas para fins práticos e bélicos, um ditador que governa seu país com mãos de ferro.

Ambos representam arquétipos da disputa entre Iluminismo (Reed Richards) e Absolutismo (Dr. Destino). É fácil visualizar Reed Richards lendo Voltaire, Diderot, Montesquieu ou Rousseau, talvez consultando a Enciclopédia. Já o Dr. Destino representa as ideias de Bossuet, Maquiavel e Hobbes sobre governos absolutistas.

O filósofo/professor pode recorrer a tais personagens de histórias em quadrinhos de Conan, X-men, Tarzan, Akim, Reed Richards e Dr. Destino para exemplificar pontos de vista

⁹⁰ Publicação da Agência Portuguesa de Revistas, com texto e desenhos de Victor de La Fuente. Tradução do original em francês por Jorge Magalhães, publicado originalmente em 1974, mas sem data de publicação da edição portuguesa.

filosóficos adequados. Logicamente, outros quadrinhos e pontos de vista filosóficos podem ser selecionados pelo próprio docente.

2.2 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COM PERSPECTIVA FILOSÓFICA ESPECÍFICA

Nesta terceira categoria de histórias em quadrinhos de acordo com sua abordagem filosófica, propomos a existência de histórias em quadrinhos com perspectiva filosófica específica. Seriam aquelas em que o autor, ao contrário da categoria anterior, evidência a filosofia presente no quadrinho, e até mais que evidenciar, ele busca converter o leitor para sua perspectiva em particular.

Se, quando tratamos de histórias em quadrinhos a partir de um ponto de vista filosófico específico, esse ponto de vista pode ser descortinado através de uma leitura atenta do filósofo/professor com seus alunos, no caso de histórias em quadrinhos com perspectiva filosófica específica, é objetivo do autor propagar conscientemente sua perspectiva filosófica para o leitor. Steve Ditko, por exemplo, era seguidor da filosofia objetivista de Ayn Rand (GUEDES, 2019) e, em histórias do “Questão”, “Mister. A”⁹¹ e “Dr. Estranho”, procurava tonar tal postura filosófica conhecida por seus leitores, que poderiam, mesmo inconscientemente, adotar a filosofia objetivista.

Matheus Moura, em “O.R.L.A. Liberdade para os animais”⁹² constrói uma narrativa em torno da ética animal, sua intenção clara é que o leitor venha a concordar com sua perspectiva filosófica e, nesse caso, passe a, por exemplo, não comer carne ou utilizar produtos que causem sofrimento a animais em qualquer fase de sua produção. A filosofia do autor aqui é um ponto central para história, ela não existiria sem a presença filosófica da ética animal como elemento fundamental da narrativa.

Outra história em quadrinho que segue modelo semelhante é o “Homem Animal”, de Grant Morrison (2015); voltando à questão da ética animal, as histórias são centradas na relação predatória que estabelecemos com as outras espécies com que dividimos este planeta e que são objetos de teste em pesquisas científicas. Inclusive espécies possivelmente sapientes, como os golfinhos e chimpanzés.

⁹¹ No Brasil uma história do personagem “Quando um homem deve ser julgado mau?” foi publicado no fanzine Gibilândia n° 5 publicado por Roberto Guedes (setembro de 2019).

⁹² A sigla O.R.L.A significa “Organização para Reabilitar e Libertar Animais”. A história em quadrinhos foi publicada como edição do autor.

O mesmo ocorre em diversas criações do roteirista britânico Alan Moore (2012), no caso de “V de Vingança”, a filosofia libertária e anarquista do personagem principal é o principal motivador dos acontecimentos, e este é indissociável de suas posturas filosóficas. A própria contraposição entre as ideias totalitárias e a filosofia libertária são em si o antagonismo que move a obra e não o conflito entre o herói e o vilão, como em uma história em quadrinhos do Super-Homem em que o herói enfrenta seu aqui-inimigo Lex Luthor.

Por fim, no ciclo da personagem “Monstro do Pântano”, escrita por Alan Moore (2014), o mago inglês modifica o conceito original da história, e, de um cientista transformado em um monstro, temos um Elemental (uma criatura mágica primordial) que acreditou por um tempo ser o cientista morto. A transformação, mais que um recurso puramente estilístico, preconiza uma mudança filosófica no conteúdo das histórias.

Está presente uma ecofilosofia, uma defesa da natureza como uma entidade viva, filosofia adotada por vários grupos esotéricos e ambientalistas, que ganhou em James Lovelock e sua *Hipótese de Gaia*, nos *Campos Morfogenéticos* propostos Rupert Sheldrake e na *Teia da Vida* proposta por Fritjof Capra respaldo filosófico/científico. A fase de Alan Moore (2014) no “Monstro do Pântano” é permeada por esse pensamento filosófico, que é central nas histórias.

2.3 COMENTÁRIO FILOSÓFICO: EXPLICAÇÃO OU QUADRINHIZAÇÃO DE UMA OBRA FILOSÓFICA

Como quarta categoria de histórias em quadrinhos de acordo com sua abordagem filosófica, propomos a categoria de comentário filosófico em quadrinhos, ou seja, quando temos a quadrinhização de uma obra filosófica em histórias em quadrinhos. Como a quadrinhização de uma obra filosófica nunca é a própria obra filosófica original, ela é outra obra, ou seja, o equivalente ao que seria um comentário de uma obra filosófica.

Ao fazer a transposição do suporte textual para a história em quadrinhos, o quadrinista faz escolhas sobre o texto e, com os desenhos, uma intervenção na obra original, o que lhe dá um caráter específico; ela deixa de ser o texto de determinado filósofo e passa a ser a leitura que o quadrinista fez daquele texto. Assim, temos um comentário sobre a obra, uma segunda obra, tal processo não desmerece em nada o trabalho do quadrinista, antes o coloca como um comentador de filosofia, mesmo sem ser sua intenção.

“Descartes: Meditações Metafísicas”⁹³ é uma quadrinhização de uma das principais obras filosóficas de René Descartes, o filósofo que dá início à filosofia moderna. Ao se utilizar do desenho em apoio ao texto, o processo de dúvida metódica empreendido por Descartes é apresentado de forma didática, levantando a possibilidade de uma maior compreensão por parte do aluno que terá o primeiro contato com a obra do filósofo francês.

“O Leviatã”⁹⁴, de Thomas Hobbes, com roteiro de Paulo Quaresma Neto, é uma leitura do clássico da filosofia política de Thomas Hobbes em que ele explora os motivos por que precisamos de um estado. Do mesmo quadrinista, “A Origem da Desigualdade entre os homens”⁹⁵, uma quadrinhização da obra de Jean-Jacques Rousseau, é um contraponto filosófico às ideias de Hobbes. Nesse caso, o filósofo/professor pode comparar duas grandes obras da filosofia política através da leitura que Quaresma Neto faz delas.

O “Manifesto Comunista em Quadrinhos”, de Rodolfo Marcenaro, é uma quadrinhização deste que é um dos documentos políticos mais importantes da história. A arte caricatural de Marcenaro acaba sendo perfeita para visualizarmos as ideias de Karl Marx e Friedrich Engels. “O Capital em Quadrinhos”, de Ploekinger, K. e Wolfram, G., consegue a missão quase impossível de expor as ideias principais de uma das obras mais complexas do pensamento filosófico, sociológico e econômico de Karl Marx, considerada como sua principal obra.

A “Origem das Espécies em quadrinhos”⁹⁶, de Fernando Gonsales, é uma divertida e bem-humorada história em quadrinhos em que o autor expõe as ideias sobre a evolução das espécies proposta por Charles Darwin, a partir da publicação de “A Origem das Espécies”. Apesar de ser uma obra de biologia, as implicações filosóficas da teoria darwiniana são imprescindíveis para o pensamento filosófico. “Piteco: as Sombras da Vida”⁹⁷ é uma história em quadrinhos, do Estúdio Maurício de Souza, em que o personagem principal entra em uma caverna e lá descobre três senhores contemplando as sombras projetadas no fundo como se fosse o mundo real. Faz-se uma releitura da famosa alegoria da caverna, uma das mais

93 Disponível em: <http://www.filosofianaescola.com.br/2016/12/descartes-meditacoes-metafisicas-hq.html>. Último acesso em: 13/08/2019.

94 Disponível em: <http://www.filosofianaescola.com.br/2016/12/leviata-thomas-hobbes-hq.html>. Último acesso em: 13/08/2019.

95 Disponível em: <http://www.filosofianaescola.com.br/2016/12/a-origem-da-desigualdade-entre-os.html>. Último acesso em: 13/08/2019.

96 Folha de São Paulo, Caderno Mais! São Paulo, domingo, 22 de novembro de 2009.

97 Disponível em: <http://www.filosofianaescola.com.br/2016/12/mito-da-caverna-hq.html>. Último acesso em: 13/08/2019.

conhecidas de Platão, parte do livro sete da República, em que o filósofo ateniense apresenta sua teoria do mundo das ideias.

Todas essas histórias em quadrinhos podem ser utilizadas pelo filósofo/docente da mesma forma com que se utilizaria um texto de um comentador sobre as mesmas obras, com o benefício didático de serem uma exposição lúdica. Cabe, então, ao professor seu papel como orientador dessas leituras.

2.4 HISTÓRIA DA FILOSOFIA EM QUADRINHOS

Uma quinta categoria que aqui elencamos é a das histórias em quadrinhos que abordam a história da filosofia, ou seja, são a própria história da filosofia em quadrinhos. Mais do que recorrer a ideias filosóficas, pretende-se apresentar uma história de um filósofo, de sua época e de seu sistema filosófico.

Um exemplo bastante elucidativo é a obra “Logicomix: uma jornada épica em busca da verdade” (2010), com roteiro de Apostolos Doxiadis e Christos H. Papadimitriou, arte de Alecos Papadatos. A HQ apresenta, a partir da centralidade biográfica do filósofo e matemático Bertrand Russell, a história da lógica entre o final do século XIX e início do XX.

Na obra, acompanhamos sua formação como matemático, o despertar de seu interesse pela filosofia, seguida de uma decepção ao encontrar com um “guru hegeliano”. O desejo de Russell era “entender a realidade” descobrir um “método que me possibilite adquirir um conhecimento incontestável” (2010, p. 94), por fim “alguém que proporcionasse bases sólidas e linguagem precisa e lógica” (2010, p. 95).

Daí acompanhamos Russell em sua descoberta ao mesmo tempo em que passamos a conhecer a história da lógica e seus desenvolvimentos. Aristóteles, Leibniz, George Boole, Alfred Whitehead, Gottlob Frege, Georg Cantor, Henri Poincaré, David Hilbert, Wittgenstein, os membros do Círculo de Viena, Kurt Gödel e Giuseppe Peano são alguns dos lógico-matemáticos cujas ideias são comentadas. Lógica, matemática e filosofia da linguagem concatenam-se nessa história gráfica da filosofia, dando um realismo surpreendente à descoberta da filosofia da linguagem de Wittgenstein, por exemplo.

Em uma imagem que retrata o campo de batalha da I Guerra Mundial, Wittgenstein pensa “o significado do mundo não está no mundo!”, resume-se sua filosofia. Abaixo o roteirista declara: “Coloque um homem à beira do abismo e – caso ele contrarie todas as probabilidades e não caia – se tornará um místico ou um louco... o que provavelmente é a

mesma coisa!” (DOXIADIS et all, 2010, p. 251). O professor de filosofia pode assim apresentar a filosofia em todo o seu esplendor, o aluno pode compreender que a filosofia nasce e faz parte do mundo, não importando o quanto ela apareça abstrata, é uma construção humana em meio aos desafios da vida humana.

O próprio Russell, herói desta história da filosofia, é apresentado como um ser humano, com suas limitações e paixões, envolto em amores e lutas políticas. Um pacifista em tempos de guerra, um lógico em busca da compreensão do mundo.

“Epicuro, o sábio”, escrito por William Messner-Loebs (2007), é outra obra que classificamos como uma história da filosofia em quadrinhos. Nessa HQ, acompanhamos a história de Epicuro, o filósofo cujas ideias começariam uma nova escola filosófica, que leva seu nome, o epicurismo.

A fim de melhor apresentar a filosofia epicurista, os autores se utilizam do “artifício de quebrar a linha do tempo e da realidade, colocando juntos personagens de eras – e universos – diferentes” (MORAES, 2007, s.p), Messner-Loebs coloca em debate com Epicuro filósofos que nem sequer viveram no mesmo século que ele. O artifício ficcional permite a melhor apresentação da filosofia epicurista.

Falando mais sobre “Epicuro, o sábio”, é uma obra que aposta no diálogo entre diferentes filosofias como forma de apresentar a filosofia de Epicuro. O professor João Quartim de Moraes não deixa de notar que “ainda que este procedimento possa soar estranho a algum professor mais sisudo, trata-se da apropriação bem-sucedida de um expediente comum nos manuais de filosofia” (MORAES, 2007, s.p.). Se é um procedimento comum em manuais de filosofia, por que não utilizar este tipo de quadrinhos como um manual de filosofia? Nossa proposta é que isso realmente seja feito.

No website Filosofia na Escola, está disponível a HQ “Diogenes, o Cínico”⁹⁸, em que é apresentada a filosofia e a vida do filósofo grego, inclusive sua disputa com Platão. No mesmo site, podemos ler uma biografia de Auguste Comte⁹⁹ que utiliza quadrinhos, textos e infográficos para apresentar ao leitor a vida e obra do criador da física social.

Destacamos também a história em quadrinhos “Aristóteles e os pré-socráticos”¹⁰⁰. Começando pela metafísica de Aristóteles e continuando com a cosmologia dos primeiros

98 Disponível em: <http://www.filosofianaescola.com.br/2012/02/diogenes-o-cinico-hq.html>. Último acesso em: 13/08/2019.

99 Disponível em: <http://www.filosofianaescola.com.br/2017/03/auguste-comte-hq.html>. Último acesso em: 13/08/2019.

100 Disponível em: <http://www.filosofianaescola.com.br/2016/12/aristoteles-e-os-pre-socraticos-hq.html>. Último acesso em: 13/08/2019.

filósofos – Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito, Parmênides e Empédocles –, esta pequena história em quadrinhos de apenas doze páginas é um manual de história da filosofia pré-socrática.

“Conheça Marx: teoria e política em quadrinhos”, de Eduardo Del Rio (1981) parte do pressuposto, enunciado pelo autor, que aqueles “imensos e ‘sisudos’ volumes escritos pelos teóricos que tentaram explicar Marx ... são muito mais difíceis do que o próprio ‘Carlos’” (1981, p. 8). Assim, o autor constrói uma história gráfica da filosofia e vida de Marx acessível, como ele espera, a qualquer um, não apenas a professores especializados nas obras de Marx.

As histórias presentes nos dois volumes *de* “A coleção Filósofos em Ação”¹⁰¹, de Freed Van Lente e Ryan Dunlavey, seguem o mesmo esquema de todos os outros textos comentados aqui: uma mescla entre a vida do filósofo, sua época e sua filosofia. Juntos, os dois volumes formam uma história da filosofia bastante completa. São discutidos os seguintes filósofos no volume 1: Platão, Bodhidharma, Nietzsche, Thomas Jefferson, Santo Agostinho, Ayn Rand, Freud, Carl Jung e Joseph Campbell.

Já no segundo volume, são apresentados os seguintes filósofos: Karl Marx, Maquiavel, René Descartes, Jean Paul Sartre, Jacques Derrida, Wittgenstein e Kierkegaard. Lente e Ryan Dunlavey conseguem ser bastante ecléticos ao escolher os filósofos que compõem os dois volumes; se temos clássicos absolutos e indispensáveis em qualquer história da filosofia, como Platão, Karl Marx, Maquiavel, René Descartes, Jean Paul Sartre, Wittgenstein, Kierkegaard e Nietzsche, também temos um filósofo oriental (Bodhidharma), o especialista em mitologia Joseph Campbell, Freud (o criador da psicanálise), o político e federalista Thomas Jefferson.

“Filósofos em Ação” é uma história da filosofia completa e eclética e, nesta segunda perspectiva, todas deveriam ser. O filósofo/professor tem em mãos um ótimo instrumento didático para o trabalho em sala de aula ao utilizar “Filósofos em Ação” como livro texto de apoio para suas aulas, tanto no Ensino Médio como no universitário.

2.5 FILOSOFIA EM QUADRINHOS

Nesta sexta e última categoria das histórias em quadrinhos quanto à sua abordagem filosófica, propomos a existência de filosofia em quadrinhos. É comum, ao pensarmos em

¹⁰¹ Ambos os volumes publicados pela Gal Editora (São Paulo), com tradução de Eliane Gallucci. O volume 1 saiu em 2008 e o segundo volume, em 2010.

filosofia na atualidade, termos em mente o texto dissertativo como suporte para a reflexão filosófica. Para Folscheid e Wunenburger, “a dissertação filosófica, com efeito, é o exercício filosófico por excelência” (2006, p. 158). E é exatamente assim que nos é ensinado nos cursos de filosofia: para fazermos filosofia, precisamos dissertar sobre um tema filosófico em específico.

Não há melhor lugar para exercitar nosso pensamento sobre um tema preciso, para analisar e produzir conceitos articulando-os dentro e através de um discurso, não há outro meio de colocar-nos na necessidade de ter de construir uma problemática. Em suma, a dissertação, em filosofia, é insubstituível, essencial: tem a ver com a essência do ato de filosofar (FOLSCHIED; WUNENBURGER, 2006, p. 159).

O papel central da dissertação filosófica no modo de produzir filosofia no ocidente decorre principalmente da obra de Aristóteles, entretanto, apesar de este ser o suporte textual preferencialmente utilizado na academia¹⁰², não passa despercebido pelo aluno do curso de filosofia que Platão – tido justamente como o primeiro sistematizador de um sistema filosófico –, a quem o filósofo Alfred North Whitehead (1861-1947) declarou que “toda a filosofia ocidental é uma nota de rodapé à obra de Platão” (WHITEHEAD apud SEVERO, 2017, p. 159), tenha ele mesmo utilizado o diálogo, e não a dissertação, para expor sua filosofia. Mesmo antes de Platão, seu mestre Sócrates não pensava que a filosofia sequer podia ser escrita, deveria ser uma prática oral¹⁰³.

Se antes a filosofia podia ser uma tradição oral, agora “a legitimação do pensamento filosófico ficou basicamente reservada à produção e registro do texto tipográfico, isto é, emoldurado na forma impressa e publicada em papel” (GOYA, 2018, p. 83). Ainda assim, mesmo contemporaneamente, começam a ser retomados fazeres filosóficos orais, como o caso da Filosofia Clínica do filósofo brasileiro Lucio Packter¹⁰⁴, além de outras propostas de Aconselhamento Filosófico^{105,106,107}, que retomam a tradição oral socrática da filosofia

¹⁰² Descartando os textos com funções didáticas em si, como anotações de aula, fichamentos de textos, resenhas críticas e comentários.

¹⁰³ Ao contrário do que comumente se pensa, Sócrates se dedicou à escrita, mas escreveu poemas, o que ele nunca escreveu foi filosofia, por considerar que esta era adequada apenas como prática oral (GHIRALDELLI JR., 2015).

¹⁰⁴ Packter escreveu diversos cadernos de estudos clínicos, disponíveis para alunos de filosofia clínica. Seu método pode ser conhecido no livro de sua autoria, **Filosofia Clínica: Propedêutica** (1997).

¹⁰⁵ O filósofo francês Marc Sautet propõe seu método de “Cafés Filosóficos” e orientação pessoal a partir de textos clássicos da filosofia no livro “**Um Café para Sócrates**” (2012).

¹⁰⁶ É o caso do método PEACE – problema, emoção, análise, contemplação e equilíbrio; proposto pelo filósofo Lou Mariniff no livro **Mais Platão, Menos Prozac** (2013).

¹⁰⁷ O filósofo português Jorge Dias propõe o método *Project* de Aconselhamento Filosófico no livro **Filosofia Aplicada à Vida** (2006).

antiga¹⁰⁸. O filósofo e poeta Will Goya defende que “é sim legitimamente possível ensinar a pensar filosoficamente com total autonomia em vários outros sistemas comunicativos de significação” (GOYA, 2018, p. 84). Epistemologicamente foi construída a ideia de que a filosofia é apenas legítima em um texto escrito, não podendo ser legitimamente feita em um texto não escrito, ou escrito de outra forma que não a dissertação lógico-expositiva.

Exceções são feitas para filósofos já consagrados, como Schopenhauer e Nietzsche, mas nunca para um filósofo ainda não consagrado pela história. Para legitimar uma quadrinhosofia, uma filosofia realizada em forma de história em quadrinhos, é necessário “retirar quaisquer restos históricos e epistêmicos da crença absurda de que só é possível filosofar com autonomia sob o imperativo da produção de um texto escrito” (GOYA, 2018, p. 85).

O diálogo como forma expositiva do pensamento filosófico foi utilizado por outros pensadores no decorrer da história da filosofia; Agostinho de Hipona utilizava deste recurso textual, bem como, mais recentemente, Matthew Lipman em seu “Natasha: Diálogos Vygotskianos” (1997). Sartre e Simone de Beauvoir tiveram no teatro e no romance gêneros centrais para a reflexão filosófica.

Matthew Lipman¹⁰⁹, Rubem Alves e Jostein Gaarder escreveram literatura infantil como uma forma de fazer filosofia. Em “A Montanha Encantada dos Gansos Selvagens”, Rubem Alves (1999) trata do conceito da morte a partir de um ponto de vista metafísico. Anteriormente, em “O Escorpião e a Rã” (ALVES, 1997), trabalha com o tema da natureza e cultura com base na filosofia de Nietzsche, para ficarmos apenas nesses dois exemplos do autor citado.

O filósofo e escritor Jostein Gaarder (1995) escreveu uma história da filosofia romaneada (1995), um romance sobre o espanto diante do mundo e da vida que leva ao filosofar, e uma história infanto-juvenil sobre o mesmo tema: *Ei! Tem alguém aí?* (1997). Todas histórias que são filosóficas em si, e apenas por nossa compreensão da filosofia como exclusivamente acadêmica e centrada na escrita dissertativa lógico-expositiva é que essas são muitas vezes tidas como entretenimento e não filosofia.

¹⁰⁸ Pierre Hadot, filósofo francês especialista em filosofia antiga, considera a filosofia uma arte de viver, centrada nos exercícios espirituais, e, portanto, longe do exercício puramente acadêmico, a filosofia é um aprender a viver, portanto tanto reflexão quanto ação, como são as atuais filosofias de aconselhamento (HADOT, 2014).

¹⁰⁹ Lipman escreveu diversas novelas filosóficas para seu programa de Filosofia para Crianças: **Issao e Guga**: Maravilhando-se com o Mundo; **Pimpa**: Em busca de significado; **A Descoberta de Ari dos Telles**: Investigação Filosófica e **Luísa**: Investigação Ética.

Bacon, Campanella e Thomas Morus filosofaram a partir da literatura utópica, um gênero filosófico por excelência. Michel de Montaigne desenvolve suas reflexões por meio de ensaios, criando um gênero literário, em que reflexão filosófica é indistinguível de reflexões sobre problemas cotidianos.

Friedrich Nietzsche e Schopenhauer se utilizaram do aforismo como gênero literário para expor suas filosofias. É em sua última obra, “Parerga e paralipomena” [Ornatos e suplementos], que Schopenhauer se utilizará do aforismo, que, se não é um gênero acadêmico por excelência, foi muito bem recebido por seus leitores, pois é a partir da publicação desta obra que “a fama nos círculos instruídos e mesmo entre os leigos acompanha-o” (BARBOZA, 2015, p. 7).

Barboza salienta que “como bem sublinha Arthur Hübscher, editor alemão das obras schopenhauerianas, assim como a forma diálogo utilizada por Platão é indissociável do seu nome, o mesmo se pode dizer em relação à forma aforismo quando se trata de Schopenhauer” (BARBOZA, 2015, p. 7). Para Barboza (2015), o aforismo é uma “forma artístico-filosófica” de filosofar, que foi canonizado na obra de Schopenhauer.

Schopenhauer tinha a clara intenção de se contrapor à forma predominante do fazer filosófico de sua época, e que predomina ainda hoje, a dissertação lógico-expositiva. Cabe perguntamos se as histórias em quadrinhos não poderiam ser também uma forma de exposição do pensamento filosófico que, como os aforismos, escapam da forma corrente e valorizada na cultura acadêmica ocidental.

Desse modo, a tarefa filosófica se definiria antes como próxima à artística, ou seja, o genuíno filósofo é um artista racional que, em vez de munir-se de pincéis, mármore, argila etc. para transmitir suas ideias, mune-se de conceitos, porém sem se prender a eles, às meras palavras, pois sabe que o essencial são as visões por eles comunicadas (BARBOZA, 2015, p. 8).

Ao longo da história da filosofia, apesar de a dissertação lógico-expositiva ter se tornado o gênero predominante na expressão do pensamento filosófico, defendemos a ideia de que as histórias em quadrinhos podem também ser um gênero literário para a reflexão filosófica. No Brasil, esta empreitada é representada pelos “Quadrinhos Fantástico-Filosóficos”, um gênero de HQ produzido por artistas brasileiros que pretende discutir, por meio da arte, a complexidade da sociedade tecnológica moderna.

O pesquisador Henrique Magalhães (2000, p. 18), de fato, afirma que:

O ponto comum desses autores é a produção de quadrinhos de caráter muito pessoal, que podemos considerar como sendo poéticos e filosóficos, pois aludem às questões mais interiorizadas de cada um. Outro elemento marcante é o rompimento com a

formalidade dos quadrinhos comerciais, com a frequente eliminação do quadro como limite espacial e pelo fluxo atípico de narrativa... Certas vezes não vejo muita clareza nas ideias que público, fixando-me mais no aspecto gráfico, cada vez mais sofisticado. Mas é necessário reconhecer o potencial desse universo tão etéreo, quanto místico. Como editor, procuro, no entanto, privilegiar as HQs que ajudem à reflexão, à busca do autoconhecimento, ao aprofundamento das questões ligadas aos conflitos do ser humano... o texto deve estar vinculado à imagem, complementando-a ou reforçando-a, sem descrevê-la literalmente... o autor trabalha sua subjetividade, aguçando a percepção do leitor e propondo novas formas de leitura. Uma leitura centrada na imagem que eventualmente é complementada pelo texto, que por sua vez apresenta-se repleto de subjetividade.

São obras desse aspecto os quadrinhos do autor multimídia Edgar Silveira Franco, autor de obras como “BioCyberDrama Saga”, “Elegia”, “Artlectos e Pós-Humanos”, “Ecos Humanos” e “Agartha”. Franco cria um universo ficcional, a “Aurora Pós-humana ou Aurora Biocibertecnológica”, que perpassa por diversas mídias: histórias em quadrinhos, música, aforismos, audiovisual e HQtrônicas (SMANIOTTO, 2014). A partir deste universo ficcional, Franco é capaz de desenvolver uma profunda reflexão filosófica sobre a condição humana e seu futuro pós-evolutivo¹¹⁰.

Outros autores que estabelecem reflexões filosóficas tendo por suporte as histórias em quadrinhos são Antônio Amaral, em Hipocampo¹¹¹, Srbek, em Quantum¹¹², e Gazy Andraus, em diversas HQs, como: *Terra e Plantio*, *BiograficGazine*, *Homo Eternus*, *Convergência* e *HQMente*. Para Gazy Andraus, o potencial das histórias em quadrinhos fantástico-filosóficas estaria em “fazer a mente dar ‘saltos’ filosóficos e além, como são os koans budistas! Ainda mais se levarmos em conta que os desenhos são de estilos únicos e diferentes, muitas vezes elaborados intuitivamente com traços diretos a tinta e sob audição de músicas (ANDRAUS, 2011, p. 13)”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa proposta metodológica, pretende-se o desenvolvimento de uma filosofia das HQs que possibilite ao filósofo/professor ter um livro-texto adequado para o trabalho didático-pedagógico e, ao filósofo, um legítimo meio de exposição de seu sistema

¹¹⁰ Aqui utilizando uma terminologia do filósofo João de Fernandes Teixeira (2010). Teixeira estabelece uma reflexão sobre questões similares aquelas levantadas por Edgar Franco, mas enquanto Franco se utiliza de histórias em quadrinhos como suporte para suas reflexões, Teixeira utiliza da dissertação lógico-expositiva, e cada um ao seu modo, traz contribuições importantes a discussão, independente do gênero textual em que escrevem.

¹¹¹ História em quadrinhos publicada pela Opera Graphica, cujo estranhamento que ela é capaz de causar ao leitor, já é um ponto inicial para o fazer filosófico.

¹¹² História em quadrinhos independente em que a trama conta com a participação dos “quatro cavaleiros da modernidade” o Homem-dinamite (Nietsche), o iluminado (Marx), o Onironte (Freud) e o Poeta (Charles Baudelaire).

filosófico, tal como o texto discursivo/argumentativo. Não cabe aqui pensar as HQs apenas como suporte para instrumentalizar o ensino de Filosofia – como já se faz em diversas áreas: História, Geografia, Matemática, etc –, mas sim ultrapassar esse nível de instrumentalização para abordarmos a história em quadrinhos como possibilidade para a expressão do pensamento filosófico.

Os exemplos de histórias em quadrinhos citados em cada uma das categorias neste trabalho não são de forma alguma limitadores, ao contrário, filósofos/professores, a partir de sua própria leitura de histórias em quadrinhos e conhecimento da filosofia, poderão incorporar outras HQ de acordo com os parâmetros aqui expostos. Este trabalho pretende ser uma referência para o fazer pedagógico, mas de forma alguma criar correntes e amarras para o trabalho de ensino-aprendizagem da filosofia em ambiente escolar e não-escolar; antes que um fim, deve ser um início.

Pensamos, mediante os argumentos expostos no decorrer deste texto, que a filosofia não deve ficar restrita a uma única forma de exposição, mas que deve se utilizar de diferentes suportes textuais. Não estamos, entretanto, desvalorizando a exposição dissertativa lógico-expositiva, que tem uma importância central no trabalho filosófico até aqui, inclusive este texto é exposto nesse formato. O que pretendemos é abrir a discussão sobre a valorização de outras formas de expressão filosófica, algumas, como a oralidade, o diálogo e o aforismo, com uma longa tradição.

Afinal, podemos ler e comentar Nietzsche nas faculdades de filosofia, mas nunca escrever como ele. Uma perspectiva mais ampla sobre as possibilidades de exposição do pensamento filosófico tornaria inclusive a filosofia acadêmica mais inclusiva, pois abre suas portas não apenas para aqueles que filosofam utilizando histórias em quadrinhos, mas também para outras tradições filosóficas, como: a Tibetana, a Hindu, a Budista e Taoista, a filosofia africana, a filosofia cosmista russa, entre tantas outras, inclusive a filosofia nativo-americana.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A Montanha Encantada dos Gansos Selvagens**. São Paulo: Paulus, 1999.
- ALVES, Rubem. **O escorpião e a rã**. São Paulo: Loyola, 1997.
- ANDRAUS, Gazy. Pensamento Criativo (Entrevista). **Revista Filosofia: Conhecimento Prático**. São Paulo: Escala, 2011. nº 31.
- BANDEIRA, Daslei. **O Escudo Manchado: um herói em tempo de guerra**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2007. ISBN 978-85-67732-87-9.

- BARBOZA, Jair. Em favor de uma boa qualidade de vida. In: SHOPENHAUER. **Aforismos para a Sabedoria de Vida**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. ISBN: 9788581932446.
- DEL RIO, Eduardo. **Conheça Marx**: teoria e política em quadrinhos. São Paulo: Proposta Editora, 1981.
- DIAS, Jorge. **Filosofia Aplicada à Vida**. Lisboa: Ésquilo, 2006.
- DOXIADIS, A.; PAPADIMITRIOU, Christos H.; PAPADATOS, Alecos. **Logicomix**: uma jornada épica em busca da verdade. São Paulo: Martins Fontes: São Paulo, 2010.
- FOLSCHIED, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica**. Trad. Paulo Neves. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. ISBN: 9788578277505.
- GAARDER, Jostein. **Ei! Tem alguém aí?** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- GAARDER, Jostein. **O Dia do Coringa**. Trad. João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. Trad. João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GHIRALDELLI JR, Paulo. **Sócrates pensador e educador**: a filosofia do conhece-te a ti mesmo. São Paulo: Cortez, 2015. ISBN 978-85-249-2354-8.
- GOYA, Will. A força espiritual da palavra no diálogo da Filosofia Clínica. In: **Filosofia Clínica e espiritualidade**. Ronaldo M. da Silva e Will Goya (org.). Porto Alegre: Editora Mikelis, 2018.
- GUEDES, Roberto. **O Incrível Steve Ditko**. São Paulo: Editora Noir, 2019.
- HADOT, Pierre. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. Trad. Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações Editora: 2014.
- LIPMAN, Matthew. **NATASHA**: Diálogos Vygotskianos. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MARCENARO, Rodolfo. **Manifesto Comunista em Quadrinhos**. São Paulo: Editora Versus, 1979.
- MARINIFF, L. **Mais Platão, Menos Prozac**: A Filosofia Aplicada ao Cotidiano. Trad. Ana Luiza Borges. São Paulo: Editora Record, 2013.
- MESSNER-LOEBS, William. **Epicuro, o sábio**. São Paulo: Conrad Editora, 2007.
- MOORE, Alan. **A Saga do Mostro do Pântano**. Barueri: Panini, 2014. (seis volumes)
- MOORE, Alan. **V de Vingança**. Barueri: Panini, 2012.
- MORAES, João Quartim de. Filosofia com Humor. In: MESSNER-LOEBS, William. **Epicuro, o sábio**. São Paulo: Conrad Editora, 2007.
- MORRISON, Grant. **Homem-Animal**: O Evangelho do Coiote. Barueri: Panini, 2015.
- PACKTER, Lucio. **Filosofia Clínica**: Propedêutica. Porto Alegre: AGE, 1997.

PATRICE, Louinete. **A Era de Conan o Cimério**. In: Conan, o Bárbaro. Trad. Alexandre Callari. São Paulo: Évora, 2012.

PLOECKINGER, K.; WOLFRAM, G. **O Capital em Quadrinhos**. São Paulo: Editora Escrita, 1984.

SAUTET, Marc. **Um Café para Sócrates**. Trad. Vera Riveiro. Rio de Janeiro: Editora José Olympio 2012.

SEVERO, Luísa. Origem e natureza dos nomes: o Crátilo de Platão. In: ROCHA, Arlindo Nascimento (org.). **Entretextos: coletânea de textos acadêmicos**. Rio de Janeiro: PoD, 2017. p. 153-180. ISBN 978-85-8225-134-8

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. A "Mansão X" e a "Escola do Jardim": uma leitura epicurista dos X-Men. In: Michel Silva. (Org.). **Para Além dos X-Men: embates e representações do universo mutante**. São Paulo: Todas as Musas, 2018. p. 35-52. ISBN 978-85-9583-030-1.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. **Diálogos Vygotskianos: apropriação do pensamento de Vygotsky por Lipman**. In: II Simpósio de Ciências Aplicadas da FAIP -V. I. **Anais...** Garça/SP: Editora FAEF, 2011. p. 307-312.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. Por uma antropologia do ciberpajé: misticismo e transcendência tecnológica na obra ficcional transmídia de Edgar Silveira Franco. VII Simpósio Nacional de História Cultural - história cultural: escritas, circulação, leituras e recepções. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo – SP: 10 e 14 de novembro de 2014. **Anais...** Disponível em: <http://www.edgarsmaniotto.com.br/por-uma-antropologia-do-ciberpaje-misticismo-e-transcendencia-tecnologica-na-obra-ficcional-transmidia-de-edgar-silveira-franco/>. Acesso em 20 fev. 2020.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **A Mente Pós-Evolutiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

Comicsophy: a methodological proposal for the conceptual classification of stories in comic as to their philosophical approach. ¹¹³

*Edgar Indalecio Smaniotto*¹¹⁴

1 INTRODUCTION

This work arises from the reflection on the philosophical categorization of literary texts proposed by the American philosopher Matthew Lipman¹¹⁵ in the seventh chapter of the book *Natasha: Vygotskian Dialogues* (1997). Besides and text, the author, who is the creator of a philosophy of teaching methodology for children through the use of philosophical stories, makes a connection between their own didactic-philosophical theory and the learning psychology works of the soviet psychologist Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934). The book's introduction has the suggestive name of "Reconciling Russian Theory with North American Practice", which summarizes the author's purpose and intention.

In this paper we will not discuss the central purpose of the text, which we have already done at another time (SMANIOTTO, 2011). In the book "*Natasha: Vygotski Dialogues*" (1997), Lipman, at some point the dialogue, presents a typology of philosophical and literary texts, a classification of these texts, as follows:

Novels themselves that contain philosophies, such as some of Mann and Tolstoy's novels, or novels written from a specific philosophical point of view, such as those by Sartre, Camus and Beauvoir.

The Little Prince is a masterful work... But I believe that each one springs from a specific philosophical perspective and is designed to win us over so that we agree with that perspective, instead of doing philosophy ourselves...

Well, some of the *romans à clef* allow me to see the possibilities of treating ideas the way they treated people. For example, the novels by Aldous Huxley ... John Erskine... DH Lawrence (LIPMAN, 1997, p. 108-109, emphasis added).

¹¹³ Received on 11/22/19, version approved on 2/22/2020.

¹¹⁴ LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/8264700030420015>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3212-1523>. E-mail: edgarsmaniotto@gmail.com.

¹¹⁵ He was professor of philosophy and founder of the "Institute for the Advancement of Philosophy for Children", at Montclair State College in New Jersey. Lipman was born in 1924 and died in 2010. With a group of collaborators, he created the Philosophy for Children program. This program consists of adapting basic philosophical ideas to the children's universe, through literature books or philosophical novels and the formation of an investigative community in the classroom. We then have a method of practicing philosophizing based on philosophical novels and the tradition of dialogue (of orality).

Literary texts are classified by their philosophical content, into four distinct categories: texts from philosophies, texts from a specific philosophical point of view, texts from a specific philosophical perspective and texts that deal with ideas. Based on this classification proposed by Lipman regarding literary texts, we developed a conceptual classification of comics in terms of their philosophical approach.

Our work took place initially from the four conceptual divisions proposed by Lipman; we adapted the first three, so that they could be used in the philosophical classification of comic books. It was necessary, however, to suppress Lipman's fourth proposal, novels of ideas, since its characteristics were incorporated into the first category.

We then developed three other categories, those with the purpose of classifying comic books whose philosophical content is explicit, because they are comics that seek to adapt classic texts of philosophy, comment on works or expose historical periods of philosophy (categories four and five). Finally, in category six, our intention is to classify works whose content is itself philosophical, that is, in which philosophy is developed not exclusively by the logical-expository dissertation in texts, but which can be originally written directly in the form of stories in comics (just like philosophy was once an oral practice, written in dialogues, aphorisms and other supports and textual genres).

Our proposal comprises six conceptual categories for the classification of comics in terms of their philosophical approach: 1. Philosophical comics; 2. Comic books from a specific philosophical point of view; 3. Comics with a specific philosophical perspective; 4. Philosophical commentary (author/system analysis) in comics; 5. History of Philosophy in comics; and 6. Philosophy in comics.

The purpose of this classification of comics as to their philosophical approach is to be a source of guidance to the philosophers and teachers in their daily practice in the classroom, both as a teacher in high school and in universities, in interdisciplinary work with comic books in class of philosophy. Comics can be an excellent teaching tool as they allow a contact that is both playful and rigorous with philosophical thinking.

Finally, we also tried, especially with the insertion of the sixth category, to think about the possibility of a philosophical doing that goes beyond philosophizing from the logical-expository dissertation, prevalent in our academic teaching. After all, we think it is possible to philosophize in different ways and through different textual supports, including comic books.

2 PHILOSOPHICAL COMICS

In our methodological proposal, this first category comprises comics that present philosophies of life, close to common sense. Examples of this type of philosophy are the defense of the “American way of life” in the Superman comics, the personal philosophy of Spider-Man: “With great powers, great responsibilities come”; which directly evokes the ethics of utilitarianism advocated by Jeremy Bentham and John Stuart Mill.

In the Captain America comics, in turn, the idea of nationalism (Universe Ultimatum) or patriotism (classic version of Universe 616) is present, as personal superhero philosophies. Especially at the beginning of the publication of the character Captain America, his comics evoked patriotism more often, but also individualism. Such representations of superheroes are characterized by a strong representation of the American way of life, which, of course, permeates their cultural mass production.

Culturally individualistic, Americans believe in the doctrine that "you depend only on yourself to become a winner" and in Manichaeism in relation to the rest of the world, being the only ones to be culturally correct, thus monstrating those who do not fit in your specifications right. This individualistic feeling is embedded in the American warlike roots. Its culture is framed and stagnant in the Warrior archetype, making it difficult to evolve in the nation's self-knowledge (BANDEIRA, 2007, p. 23).

It is this common-sense philosophy that is embodied by different comic book superheroes: Captain America, Superman, Batman, Captain Marvel, among many others. According to our methodological classification, these would be philosophical stories in which life philosophies and common-sense ideas are dominant, which could be the object of reflection in the classroom, debating their ethical, political, and philosophical constraints and limitations.

2.1 COMICS FROM A SPECIFIC PHILOSOPHICAL POINT OF VIEW

Identifying a specific philosophical point of view in a comic book is often a work done by the philosopher/teacher, as this can go unnoticed, at least consciously, by those who do not read comics with the eyes of the philosophy professional.

In another work (SMANIOTTO, 2018), for example, we present how the philosophy of Epicurus is present in the films of the X-Men, and the same argument applies to comics. The Xavier Institute for Gifted Young People has characteristics similar to the proposal of the Escola do Jardim de Epicuro.

The philosophy of the good savage and the idea of man in a state of nature, ideas associated with the philosopher Jean Jacques Rousseau, can be found in stories of "Tarzan" and "Akim". They are heroes who live in the jungle and are dedicated to protecting the nature and indigenous peoples were present exploitation and extermination by part in general of said civilized.

Already the philosophy of Thomas Hobbes, which can be summarized in the adage "man is a wolf to man", it can be found in the comics of "Conan the Barbarian". Conan's philosophy is well expressed, according to Patrice (2012), in a passage from "Queen of the Black Coast":

In this world, men struggle and suffer for nothing; if they find pleasure, it is only in the dazzling madness of battle. [...] I need to live intensely while I can. I want to try the rich juices of red meat and spicy wine, the warm grip of ivory-white arms, the madness of triumph in battle, when the bluish blades burn and dye red. This is enough to make me happy. Let masters, priests and philosophers meditate on questions of reality and illusion! I know one thing. If life is an illusion, I am also one: the illusion is real to me. I live, I am full of life, I love, I kill, I am happy like that (PATRICE, 2012, p. 21).

This other short excerpt from the short story "The Elephant Tower" summarizes the Hobbesian role of the State in Conan's stories: "Civilized men are more rude than savages, because they know they can be rude and not have their skull shattered" (PATRICE, 2012, p. 20). The role of the State is evident, which, through a social contract, contains the violence that would be inherent to human beings. The State, taken as a synonym for civilization here, is a necessity for changing relations of constant war between men, but never idealized.

To Robert E. Howard, creator of Conan, the strength of their stories would just not the fact that the reader be able to live an experience of pre-constitution of Estado: "So a man reading [one] story about Conan act like them they imagine that they would act in similar circumstances" (PATRICE, 2012, p. 21).

Conan, in his literary stories or in the comics¹¹⁶, generally disdains civilization; if Hobbes saw the formation of the State as essential to remove man from the state of "war of all against all", in Conan we find a distrust towards this State that restricts individual freedom. For Howard:

The civilization is not the final stage of human development; it may be an 'inevitable consequence' of this development, but it is a transitory state : civilizations tend to decay and languish, and eventually be swept away by conquering hordes of

¹¹⁶ From reading the comic books published in the magazine "The Wild Sword of Conan", whose number one was the second comic that this author read, we can say that the same considerations made by Patrice Louinete about literary texts they also apply to adaptations made for comics.

savages and barbarians who, after some time, will become themselves civilized (PATRICE, 2012, p. 21).

This condition of barbarism, for Howard, is far from the idyllic vision of a wild nobleman, like Tarzan and Akim. The creator of Conan states: “I don't have an idyllic vision of the barbarian - as far as I could learn, it is a dark, bloody, fierce and unforgiving condition” (HOWARD apud PATRICE, 2012, p. 21). Howard's barbarian is not Rousseau's savage, he is - before the formation of the state - a wolf, a wolf of man himself.

The same Hobbesian philosophy is present in the stories of “Mathai-Dor: The Night of the Times and The Capture of Fire”¹¹⁷. In a post-apocalyptic world, in which a third world war led to a nuclear hecatomb, humans return to a state of development comparable to that of the Neolithic period, without a state organization, in which war and violence prevail. Without the State, man again becomes man's wolf.

In the stories of the Fantastic Four, it is possible to make a philosophical reading of the confrontation between Reed Richards, Mr. Fantastic, and his enemy, Dr. Doom. The first is a scientist who believes in the power of science to know the mysteries of the universe (dedicated to pure science) and the effectiveness of technology, defender of democratic relations and freedom. The second, a magician who appropriates science only for practical and warlike purposes, a dictator who rules his country with an iron hand.

Both represent archetypes of the dispute between Enlightenment (Reed Richards) and Absolutism (Dr. Doom). It is easy to see Reed Richards reading Voltaire, Diderot, Montesquieu, or Rousseau, perhaps referring to the Encyclopedia. Already Dr. Doom is the ideas of Bossuet, Machiavelli, and Hobbes on absolutist governments.

The philosopher/teacher can turn to such comic book characters from Conan, X-men, Tarzan, Akim, Reed Richards and Dr. Doom to exemplify suitable philosophical views. Of course, other comics and philosophical points of view can be selected by the teacher himself.

2.2 STORIES IN COMICS WITH SPECIFIC PHILOSOPHICAL PERSPECTIVE

In this third category of comics, according to its philosophical approach, we propose the existence of comics with a specific philosophical perspective. They would be those

¹¹⁷ Publication of the Portuguese Magazine Agency, with text and drawings by Victor de La Fuente. Translation of the original in French by Jorge Magalhães, originally published in 1974, but with no date of publication of the Portuguese edition.

in which the author, unlike the previous category, evidences the philosophy present in the comic, and even more than evidence, he seeks to convert the reader to his particular perspective.

If, when we deal with comic books from a specific philosophical point of view, that point of view can be unveiled through a careful reading of the philosopher/teacher with his students, in the case of comics with a specific philosophical perspective, it is The author's objective is to consciously propagate his philosophical perspective to the reader. Steve Ditko, for example, was a follower of Ayn Rand's objectivist philosophy (GUEDES, 2019) and, in stories from the “Question”, “Mister. A”¹¹⁸ and “Dr. Strange”, he tried to take such a philosophical stance known to his readers, who could, even unconsciously, adopt the objectivist philosophy.

Matheus Moura, in “ORLA Freedom for animals”¹¹⁹, builds a narrative around animal ethics, his clear intention is that the reader will agree with his philosophical perspective and, in this case, start, for example, not eating meat or using products that cause suffering to animals at any stage of their life. production. The author's philosophy here is a central point for history, it would not exist without the philosophical presence of animal ethics as a fundamental element of the narrative.

Another comic that follows a similar model is the "Animal Man", from Grant Morrison (2015); going back to the issue of animal ethics, the stories are centered on the predatory relationship that we establish with the other species with which we share this planet and that are objects of test in scientific research. Possibly sapient species, such as dolphins and chimpanzees.

The same occurs in several creations of the British writer Alan Moore (2012) , in the case of "V for Vendetta", the main character's libertarian and anarchist philosophy is the main motivator of events, and this is inseparable from his philosophical stances. The very contrast between totalitarian ideas and libertarian philosophy is in itself the antagonism that moves the work and not the conflict between the hero and the villain, as in a Superman comic book in which the hero faces his arch-enemy Lex Luthor.

Finally , in the cycle of the character “Monster of the Swamp” , written by Alan Moore (2014) , the English magician modifies the original concept of the story, and , from a scientist transformed into a monster, we have an Elemental (a primordial magical creature) who

¹¹⁸ In Brazil, a story about the character “When should a man be judged bad?” was published in the fanzine Gibilândia n° 5 published by Roberto Guedes (September 2019).

¹¹⁹ The acronym ORLA stands for "Organization to Rehabilitate and Release Animals". The comic was published as the author's edition.

believed for a time to be the dead scientist . The transformation, more than a purely stylistic resource, calls for a philosophical change in the content of the stories.

There is an ecophilosophy, a defense of nature as a living entity, a philosophy adopted by various esoteric and environmental groups, which won in James Lovelock and his Gaia Hypothesis, in the Morphogenetic Fields proposed by Rupert Sheldrake and in the Web of Life proposed by Fritjof Capra backing philosophical/scientific. Alan Moore's (2014) phase in “Monster of the Swamp” is permeated by this philosophical thought, which is central to the stories.

2.3 PHILOSOPHICAL COMMENT: EXPLANATION OR SQUARE OF A PHILOSOPHICAL WORK IN STORIES IN COMIC

As the fourth category of comic books according to its philosophical approach, we propose the category of philosophical commentary on comics, that is, when we have the comic book drawing of a philosophical work. As the rasterization of a philosophical work is never the original philosophical work itself, it is another work, that is, the equivalent of what would be a commentary on a philosophical work.

When transposing the textual support for the story in comics , the comic artist makes choices about the text and, with the drawings , an intervention in the original work , which gives it a specific character; it ceases to be the text of a certain philosopher and becomes the reading that the comic artist made of that text. Thus, we have a comment on the work, a second work, such a process does not detract from the work of the comic artist, rather it places him as a commentator on philosophy, even without his intention.

“Descartes: Metaphysical Meditations”¹²⁰ is comic book drawing of the main philosophical works of René Descartes, the philosopher who begins the modern philosophy. When using drawing in support of the text, the process of methodical doubt undertaken by Descartes is presented in a didactic way, raising the possibility of greater understanding on the part of the student who will have the first contact with the work of the French philosopher.

¹²⁰ Available at: <http://www.filosofianaescola.com.br/2016/12/descartes-meditacoes-metafisicas-hq.html>. Last accessed on: 08/13/2019.

"The Leviathan"¹²¹, by Thomas Hobbes, with a screenplay by Paulo Quaresma Neto, is a comic drawing of Thomas Hobbes' classic political philosophy in which he explores the reasons why we need a state. From the same comic book, "The Origin of Inequality between Men"¹²², a comic of Jean-Jacques Rousseau's work, is a philosophical counterpoint to Hobbes' ideas. In this case, the philosopher/teacher can compare two great works of political philosophy through Quaresma Neto's reading of them.

The "Communist Manifesto in Comics", by Rodolfo Marcenaro, is a comic book of this which is one of the most important political documents in history. Marcenaro's caricatural art turns out to be perfect for visualizing the ideas of Karl Marx and Friedrich Engels. "The Capital in Comics", by Ploekinger, K. and Wolfram, G., achieves the almost impossible mission of exposing the main ideas of one of the most complex works of Karl Marx's philosophical, sociological and economic thought, considered as his main work .

"The Origin of Species in Comics"¹²³, by Fernando Gonsales, is a fun and humorous comic book in which the author exposes the ideas about the evolution of species proposed by Charles Darwin, from the publication of "The Origin of Species". Despite being a work of biology, the philosophical implications of Darwinian theory are indispensable for philosophical thought. "Piteco: the Shadows of Life"¹²⁴ is a comic book by the Maurício de Souza Studio, in which the main character enters a cave and there discovers three gentlemen contemplating the shadows projected in the background as if it were the real world. A reinterpretation of the famous allegory of the cave is made, one of the best known by Plato, part of book seven of the Republic, in which the Athenian philosopher presents his theory of the world of ideas.

All of these comics can be used by the philosopher/teacher in the same way that a commentator's text on the same works would be used, with the didactic benefit of being a playful exhibition. It is then up to the teacher to play his role as a guide for these readings.

¹²¹ Available at: <http://www.filosofianaescola.com.br/2016/12/leviata-thomas-hobbes-hq.html> . Last accessed on: 08/13/2019.

¹²² Available at: <http://www.filosofianaescola.com.br/2016/12/a-origem-da-desigualdade-entre-os.html> . Last accessed on: 08/13/2019.

¹²³ Available at: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2211200904.htm>. Last accessed on: 09/17/2020.

¹²⁴ Available at: <http://www.filosofianaescola.com.br/2016/12/mito-da-caverna-hq.html> . Last accessed on: 08/13/2019.

2.4 HISTORY OF PHILOSOPHY IN COMIC

One of the fifth categories we list here is that of comic books that address the history of philosophy, that is, they are the history of philosophy in comics. More than resorting to philosophical ideas, it is intended to present a story of a philosopher, his time, and his philosophical system.

A very illuminating example is the work “Logicomix: an epic journey in search of the truth” (2010), with a script by Apostolos Doxiadis and Christos H. Papadimitriou, art by Alecos Papadatos. Based on the biographical centrality of the philosopher and mathematician Bertrand Russell, the HQ presents the history of logic between the end of the 19th century and the beginning of the 20th.

In this comic, we accompany his training as a mathematician, the awakening of his interest in philosophy, followed by a disappointment when meeting with a “Hegelian guru”. Russell's desire was to “understand reality” to discover a “method that allows me to acquire undisputed knowledge” (2010, p. 94), finally “someone who would provide solid bases and precise and logical language” (2010, p. 95).

Hence, we accompanied Russell in his discovery at the same time as we came to know the history of logic and its developments. Aristotle, Leibniz, George Boole, Alfred Whitehead, Gottlob Frege, Georg Cantor, Henri Poincaré, David Hilbert, Wittgenstein, the members of the Vienna Circle, Kurt Gödel and Giuseppe Peano are some of the logical-mathematicians whose ideas are commented on. Logic, mathematics and philosophy of language are concatenated in this graphic history of philosophy, giving surprising realism to the discovery of Wittgenstein's philosophy of language, for example.

In an image that depicts the battlefield of World War I, Wittgenstein thinks “the meaning of the world is not in the world!”, Summarizes his philosophy. Below the screenwriter declares: “Put a man on the edge of the abyss and - if he goes against all odds and doesn't fall - he will become a mystic or a madman ... which is probably the same thing!” (DOXIADIS et al, 2010, p. 251). The philosophy teacher can thus present philosophy in all its splendor, the student can understand that philosophy is born and part of the world, no matter how abstract it appears, it is a human construction in the midst of the challenges of human life.

Russell himself, hero of this history of philosophy, is presented as a human being, with his limitations and passions, wrapped in loves and political struggles. A pacifist in times of war, a logician in search of understanding the world.

"Epicurus the wise", written by William Messner-Loebs (2007), is another work that we classify as a history of philosophy in comics. In this comic, we follow the story of Epicurus, the philosopher whose ideas would start a new philosophical school, named after him, epicurism.

In order to better present the Epicurean philosophy, the authors use the "artifice of breaking the timeline and reality, putting together characters from different eras - and universes" (MORAES, 2007, sp), Messner-Loebs puts in debate with Epicurus philosophers who did not even live in the same century as him. The fictional device allows the best presentation of Epicurean philosophy.

Talking more about "Epicurus, the wise", is a piece of work that focuses on the dialogue between different philosophies as a way of presenting Epicurus' philosophy. Professor João Quartim de Moraes does not fail to note that "although this procedure may sound strange to some more serious teacher, it is the successful appropriation of a common expedient in the philosophy manuals" (MORAES, 2007, s.p.). If it is a common procedure in philosophy manuals, why not use this type of comics as a philosophy manual? Our proposal is that this really is done.

On the website Philosophy at School, the comic "Diogenes, the Cynic"¹²⁵ is available, in which the philosophy and life of the Greek philosopher is presented, including his dispute with Plato. On the same site, we can read a biography of Auguste Comte¹²⁶ that uses comics, texts, and infographics to introduce the reader to the life and work of the creator of social physics.

We also highlight the comic book "Aristotle and the pre-Socratics"¹²⁷. Starting with the metaphysics of Aristotle and continuing with the cosmology of the first philosophers - Thales, Anaximander, Anaximenes, Heraclitus, Parmenides and Empedocles - , is a short story in only twelve pages of comics is a story of manual pre-Socratic philosophy.

"Meet Marx: theory and politics in comics", by Eduardo Del Rio (1981) starts from the assumption, stated by the author, that those "immense and 'serious' volumes written by theorists who tried to explain Marx ... are much more difficult than than 'Carlos' "(1981, p. 8).

¹²⁵ Available at: <http://www.filosofianaescola.com.br/2012/02/diogenes-o-cinico-hq.html> . Last accessed on: 08/13/2019.

¹²⁶ Available at: <http://www.filosofianaescola.com.br/2017/03/auguste-comte-hq.html> . Last accessed on: 08/13/2019.

¹²⁷ Available at: <http://www.filosofianaescola.com.br/2016/12/aristoteles-e-os-pre-socraticos-hq.html> . Last accessed on: 08/13/2019.

Thus, the author builds a graphic history of Marx's philosophy and life accessible, as he expects, to anyone, not just to professors specialized in Marx's works.

The stories present in the two volumes of “The Philosophers in Action collection”¹²⁸, by Freed Van Lente and Ryan Dunlavey, follow the same scheme as all the other texts commented here: a mixture between the philosopher's life, his time and his philosophy. Together, the two volumes form a very complete history of philosophy. The following philosophers are discussed in volume 1: Plato, Bodhidharma, Nietzsche, Thomas Jefferson, Saint Augustine, Ayn Rand, Freud, Carl Jung and Joseph Campbell.

In the second volume, the following philosophers are presented: Karl Marx, Machiavelli, René Descartes, Jean Paul Sartre, Jacques Derrida, Wittgenstein and Kierkegaard. Lente and Ryan Dunlavey manage to be quite eclectic when choosing the philosophers who make up the two volumes; if we have absolute and indispensable classics in any history of philosophy, such as Plato, Karl Marx, Machiavelli, René Descartes, Jean Paul Sartre, Wittgenstein, Kierkegaard and Nietzsche, we also have an Eastern philosopher (Bodhidharma), the mythological expert Joseph Campbell, Freud (the creator of psychoanalysis), the politician and federalist Thomas Jefferson.

“Philosophers in Action” is a complete and eclectic history of philosophy and, in this second perspective, they should all be. The philosopher / teacher has in his hands a great didactic tool for working in the classroom when he uses “Philosophers in Action” as a supporting textbook for his classes, both in high school and university.

2.5 PHILOSOPHY IN COMICS

In this sixth and final category of comics in terms of their philosophical approach, we propose the existence of philosophy in comics. It is common, when thinking about philosophy today, to keep in mind the essay text as a support for philosophical reflection. For Folscheid and Wunenburger, “the philosophical dissertation, in effect, is the philosophical exercise par excellence” (2006, p. 158). And that is exactly how it is taught in philosophy courses: in order to do philosophy, we need to talk about a specific philosophical topic.

There is no better place to exercise our thinking on a precise topic, to analyze and produce concepts by articulating them within and through a discourse, there is no other way to put ourselves in the need to have to build a problem. In short, the dissertation

¹²⁸ Both volumes published by Gal Editora (São Paulo), with translation by Eliane Gallucci. Volume 1 came out in 2008 and the second volume in 2010.

in philosophy is irreplaceable, essential: it has to do with the essence of the act of philosophizing. (FOLSCHEID; WUNENBURGER, 2006, p. 159).

The central role of philosophical dissertation in order to produce philosophy in the West due mainly to the work of Aristotle, however, despite and despite textual support preferably used in the academy¹²⁹, it does not go unnoticed by the student of the philosophy course that Plato - considered precisely as the first systematizer of a philosophical system -, to whom the philosopher Alfred North Whitehead (1861-1947) declared that “all Western philosophy is a note footnotes to the work of Plato” (WHITEHEAD apud SEVERO, 2017, p. 159), has himself used the dialogue, not a dissertation, to expose his philosophy. Even before Plato, his master Socrates did not think that philosophy could even be written, it should be an oral practice¹³⁰

If before philosophy could be an oral tradition, now “the legitimation of philosophical thought was basically reserved for the production and registration of the typographic text, that is, framed in printed form and published on paper” (GOYA, 2018, p. 83). Even so, even at the same time, oral philosophical practices are beginning to be resumed, as in the case of the Clinical Philosophy of the Brazilian philosopher Lucio Packter¹³¹, in addition to other proposals for Philosophical Counseling¹³², which take up the oral Socratic tradition of ancient philosophy¹³³.

The philosopher and poet Will Goya argue that “it is indeed legitimate to teach how to think philosophically with total autonomy in several other communicative systems of meaning” (GOYA, 2018, p. 84). Epistemologically, the idea was built that philosophy is only legitimate in a written text, and cannot be legitimately made in an unwritten text, or written in a way other than the logical-expository dissertation.

Exceptions are made for established philosophers, such as Schopenhauer and Nietzsche, but never for a philosopher not yet consecrated by history. To legitimize a comic

¹²⁹ Discarding texts with didactic functions in them, such as class notes, text files, critical reviews and comments.

¹³⁰ Contrary to what is commonly thought, Socrates dedicated himself to writing, but wrote poems, which he never wrote was philosophy, considering that it was only suitable as an oral practice (GHIRALDELLI JR., 2015).

¹³¹ Packter wrote several clinical study notebooks, available to students of clinical philosophy. His method can be found in the book of his own, *Clinical Philosophy: Propedeutics* (1997).

¹³² French philosopher Marc Sautet proposes his method of “Philosophical Cafés” and personal guidance from classic philosophy texts in the book “Um Café para Sócrates” (2012). This is the case with the PEACE method - problem, emotion, analysis, contemplation, and balance; proposed by the philosopher Lou Marinoff in the book *Mais Plato, Menos Prozac* (2013). The Portuguese philosopher Jorge Dias proposes the Project Method of Philosophical Counseling in the book *Philosophy Applied to Life* (2006).

¹³³ Pierre Hadot, a French philosopher specializing in ancient philosophy, considers philosophy an art of living, centered on spiritual exercises, and therefore, far from purely academic exercise, philosophy is a learning to live, therefore both reflection and action, as are the current counseling philosophies (HADOT, 2014).

strip, a philosophy carried out in the form of a comic strip, it is necessary to “remove any historical and epistemic remains from the absurd belief that it is only possible to philosophize with autonomy under the imperative of producing a written text” (GOYA, 2018 , p. 85).

Dialogue as an expository form of philosophical thought has been used by other thinkers throughout the history of philosophy; Agostinho de Hipona used this textual resource, as well as, more recently, Matthew Lipman in his “Natasha: Dialogues Vygotskianos” (1997). Sartre and Simone de Beauvoir had in theater and romance genres that were central to philosophical reflection.

Matthew Lipman¹³⁴, Rubem Alves and Jostein Gaarder wrote children's literature as a way of doing philosophy. In “The Enchanted Mountain of the Wild Geese”, Rubem Alves (1999) deals with the concept of death from a metaphysical point of view. Previously, in “The Scorpion and the Frog” (ALVES, 1997), he works with the theme of nature and culture based on Nietzsche's philosophy, to stay only in these two examples of the mentioned author.

The philosopher and writer Jostein Gaarder (1995) wrote a history of romanticized philosophy (1995), a novel about the astonishment at the world and the life that leads to philosophizing, and a children's story about the same theme: Hey! Is anyone there? (1997). All stories that are philosophical in themselves, and only because of our understanding of philosophy as exclusively academic and centered on logical-expository writing, are these often-considered entertainment and not philosophy.

Bacon, Campanella and Thomas Morus philosophized from utopian literature, a philosophical genre par excellence. Michel de Montaigne develops his reflections through essays, creating a literary genre, in which philosophical reflection is indistinguishable from reflections on everyday problems.

Friedrich Nietzsche and Schopenhauer used aphorism as a literary genre to expose their philosophies. It is in his last work, “Parerga e paralipomena” [Ornatos and supplements], that Schopenhauer will use the aphorism, which, if it is not an academic genre par excellence, was very well received by his readers, as it is from the publication of this work that “fame in educated circles and even among the laity accompanies him” (BARBOZA, 2015, p. 7).

Barboza points out that “as Arthur Hübscher, German editor of Schopenhauerian works, rightly points out, as well as the dialogue form used by Plato is inseparable from his

¹³⁴ Lipman wrote several philosophical novels for his Philosophy for Children program: Issao and Guga: Marveling at the World; Pimpa: In search of meaning; The Discovery of Ari dos Telles: Philosophical Research and Luísa: Ethical Research.

name, the same can be said in relation to the aphorism form when it comes to Schopenhauer” (BARBOZA, 2015, p. 7). For Barboza (2015), aphorism is an “artistic-philosophical form” of philosophizing, which was canonized in the work of Schopenhauer.

Schopenhauer had the clear intention of opposing the predominant form of philosophical practice of his time, which still prevails today, the logical-expository dissertation. It is worth asking whether comic books could also be a way of exposing philosophical thought that, like aphorisms, escape the current and valued form in Western academic culture.

In this way, the philosophical task would rather be defined as close to the artistic, that is, the genuine philosopher is a rational artist who, instead of equipping himself with brushes, marbles, clay etc. to convey his ideas, he uses concepts, but without being attached to them, to mere words, as he knows that the essentials are the visions communicated by them (BARBOZA, 2015, p. 8) .

Throughout the history of philosophy, although the logical-expository dissertation has become the predominant genre in the expression of philosophical thought, we defend the idea that comic can also be a literary genre for philosophical reflection. In Brazil, this endeavor is represented by the “Fantastic-Philosophical-Comics”, a comic genre produced by Brazilian artists that intends to discuss, through art, the complexity of modern technological society.

Researcher Henrique Magalhães (2000, p. 18), in fact, states that:

The common point of these authors is the production of very personal comics, which we can consider as being poetic and philosophical, as they allude to the most internalized questions of each one. Another striking element is the break with the formality of commercial comics, with the frequent elimination of the painting as a spatial limit and the atypical flow of narrative ... Sometimes I do not see much clarity in the ideas that I publicize, focusing more on the graphic aspect, increasingly sophisticated. But it is necessary to recognize the potential of this universe, as ethereal as it is mystical. As an editor, I try, however, to privilege comic books that help reflection, the search for self-knowledge, the deepening of issues related to human conflicts ... the text must be linked to the image, complementing or reinforcing it, without literally describing it ... the author works on his subjectivity, sharpening the reader's perception and proposing new ways of reading. A reading centered on the image that is eventually complemented by the text, which in turn presents itself full of subjectivity.

Works of this aspect are the comics by multimedia author Edgar Silveira Franco¹³⁵, author of works such as "BioCyberDrama Saga", "Elegia", "Artlectos e Post-Humans", "Human Ecos" and "Agartha". Franco creates a fictional universe, the “Aurora Post-human or Aurora Biocibertecnológica”, which runs through various media: comics, music, aphorisms,

¹³⁵ Franco, in addition to having artistic and philosophical production of an unprecedented character, coined the term HQtrônica in Brazil to conceptualize the emerging production of digital comics and its diffusion on social networks. Note from the publisher.

audiovisual and HQtronics (SMANIOTTO, 2014). From this fictional universe, Franco is able to develop a deep philosophical reflection on the human condition and its post-evolutionary future¹³⁶.

Other authors who establish philosophical reflections based on comics are Antônio Amaral, in *Hipocampo*¹³⁷, Srbek, in *Quantum*¹³⁸, and Gazy Andraus, in several comics, such as: *Terra e Plantio*, *BiograficGazine*, *Homo Eternus*, *Convergência* and *HQMente*. For Gazy Andraus, the potential of fantastic-philosophical comics would be to “make the mind take philosophical ‘leaps’ and beyond, as Buddhist koans are! Even more so if we consider that the drawings are of unique and different styles, often elaborated intuitively with direct lines in ink and listening to music” (ANDRAUS, 2011, p. 13).

3 FINAL CONSIDERATIONS

Based on this methodological proposal, the development of a comic book philosophy is intended to enable the philosopher / teacher to have a textbook suitable for didactic-pedagogical work and, for the philosopher, a legitimate means of exposing his philosophical system, such as the discursive / argumentative text. It is not appropriate here to think of comics only as a support to instrumentalize the teaching of Philosophy - as is already done in several areas: History, Geography, Mathematics, etc. -, but to go beyond this level of instrumentalization to approach comic books as a possibility for expression of philosophical thought.

The examples of comic books cited in each of the categories in this work are by no means limiting, on the contrary, philosophers / teachers, from their own reading of comic books and knowledge of philosophy, may incorporate other comic books according to the parameters exposed here. This work intends to be a reference to do pedagogical, but in no way to create chains and bonds for the teaching-learning work of philosophy in school and non-school environment; rather than an end, it must be a beginning.

¹³⁶ Here using the terminology of the philosopher João de Fernandes Teixeira (2010). Teixeira establishes a reflection on issues similar to those raised by Edgar Franco, but while Franco uses comic books as a support for his reflections, Teixeira uses the logical-expository dissertation, and each in his own way, brings important contributions to the discussion, regardless of the textual genre in which they write.

¹³⁷ Comic book published by Opera Graphica, whose strangeness it is capable of causing to the reader, is already a starting point for making it philosophical.

¹³⁸ History in comic s independent in the plot with the participation of the "four horsemen of modernity" the Mandynamite (Nietzsche), the enlightened (Marx), the Onironte (Freud) and the Poet (Charles Baudelaire).

We think, through the arguments exposed in the course of this text, that philosophy should not be restricted to a single form of exposure, but that it should use different textual supports. We are not, however, devaluing the logical-expository essay, which has been of central importance in philosophical work until now, even this text is exposed in this format. What we intend to do is to open the discussion about the valorization of other forms of philosophical expression, some, such as orality, dialogue and aphorism, with a long tradition.

After all, we can read and comment on Nietzsche in the faculties of philosophy, but never write like him. A broader perspective on the possibilities of exposing philosophical thought would make academic philosophy even more inclusive, as it opens its doors not only to those who philosophize using comic books, but also to other philosophical traditions, such as: Tibetan, Hindu, Buddhist and Taoist, African philosophy, Russian cosmist philosophy, among many others, including Native American philosophy.

REFERENCES

- ALVES, Rubem. **A Montanha Encantada dos Gansos Selvagens**. São Paulo: Paulus, 1999.
- ALVES, Rubem. **O escorpião e a rã**. São Paulo: Loyola, 1997.
- ANDRAUS, Gazy. Pensamento Criativo (Entrevista). **Revista Filosofia: Conhecimento Prático**. São Paulo: Escala, 2011. nº 31.
- BANDEIRA, Daslei. **O Escudo Manchado: um herói em tempo de guerra**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2007. ISBN 978-85-67732-87-9.
- BARBOZA, Jair. Em favor de uma boa qualidade de vida. In: SHOPENHAUER. **Aforismos para a Sabedoria de Vida**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. ISBN: 9788581932446.
- DEL RIO, Eduardo. **Conheça Marx: teoria e política em quadrinhos**. São Paulo: Proposta Editora, 1981.
- DIAS, Jorge. **Filosofia Aplicada à Vida**. Lisboa: Ésquilo, 2006.
- DOXIADIS, A.; PAPADIMITRIOU, Christos H.; PAPADATOS, Alecos. **Logicomix: uma jornada épica em busca da verdade**. São Paulo: Martins Fontes: São Paulo, 2010.
- FOLSCHIED, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica**. Trad. Paulo Neves. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. ISBN: 9788578277505.
- GAARDER, Jostein. **Ei! Tem alguém aí?** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- GAARDER, Jostein. **O Dia do Coringa**. Trad. João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. Trad. João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GHIRALDELLI JR, Paulo. **Sócrates pensador e educador**: a filosofia do conhece-te a ti mesmo. São Paulo: Cortez, 2015. ISBN 978-85-249-2354-8.
- GOYA, Will. A força espiritual da palavra no diálogo da Filosofia Clínica. In: **Filosofia Clínica e espiritualidade**. Ronaldo M. da Silva e Will Goya (org.). Porto Alegre: Editora Mikelis, 2018.
- GUEDES, Roberto. **O Incrível Steve Ditko**. São Paulo: Editora Noir, 2019.
- HADOT, Pierre. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. Trad. Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações Editora: 2014.
- LIPMAN, Matthew. **NATASHA**: Diálogos Vygotskianos. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MARCENARO, Rodolfo. **Manifesto Comunista em Quadrinhos**. São Paulo: Editora Versus, 1979.
- MARINIFF, L. **Mais Platão, Menos Prozac**: A Filosofia Aplicada ao Cotidiano. Trad. Ana Luiza Borges. São Paulo: Editora Record, 2013.
- MESSNER-LOEBS, William. **Epicuro, o sábio**. São Paulo: Conrad Editora, 2007.
- MOORE, Alan. **A Saga do Mostro do Pântano**. Barueri: Panini, 2014. (seis volumes)
- MOORE, Alan. **V de Vingança**. Barueri: Panini, 2012.
- MORAES, João Quartim de. Filosofia com Humor. In: MESSNER-LOEBS, William. **Epicuro, o sábio**. São Paulo: Conrad Editora, 2007.
- MORRISON, Grant. **Homem-Animal**: O Evangelho do Coiote. Barueri: Panini, 2015.
- PACKTER, Lucio. **Filosofia Clínica**: Propedêutica. Porto Alegre: AGE, 1997.
- PATRICE, Louinete. **A Era de Conan o Cimério**. In: Conan, o Bárbaro. Trad. Alexandre Callari. São Paulo: Évora, 2012.
- PLOECKINGER, K.; WOLFRAM, G. **O Capital em Quadrinhos**. São Paulo: Editora Escrita, 1984.
- SAUTET, Marc. **Um Café para Sócrates**. Trad. Vera Riveiro. Rio de Janeiro: Editora José Olympio 2012.
- SEVERO, Luísa. Origem e natureza dos nomes: o Crátilo de Platão. In: ROCHA, Arlindo Nascimento (org.). **Entretexos: coletânea de textos acadêmicos**. Rio de Janeiro: PoD, 2017. p. 153-180. ISBN 978-85-8225-134-8
- SMANIOTTO, Edgar Indalecio. A "Mansão X" e a "Escola do Jardim": uma leitura epicurista dos X-Men. In: Michel Silva. (Org.). **Para Além dos X-Men**: embates e representações do universo mutante. São Paulo: Todas as Musas, 2018. p. 35-52. ISBN 978-85-9583-030-1.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. **Diálogos Vygotskianos**: apropriação do pensamento de Vygotsky por Lipman. In: II Simpósio de Ciências Aplicadas da FAIP -V. I. **Anais...** Garça/SP: Editora FAEF, 2011. p. 307-312.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. Por uma antropologia do ciberpajé: misticismo e transcendência tecnológica na obra ficcional transmídia de Edgar Silveira Franco. VII Simpósio Nacional de História Cultural - história cultural: escritas, circulação, leituras e recepções. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo – SP: 10 e 14 de novembro de 2014. **Anais...** Disponível em: <http://www.edgarsmaniotto.com.br/por-uma-antropologia-do-ciberpaje-misticismo-e-transcendencia-tecnologica-na-obra-ficcional-transmidia-de-edgar-silveira-franco/>. Acesso em 20 fev. 2020.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **A Mente Pós-Evolutiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.